

**A CONSTRUÇÃO DA CARREIRA MIGRANTE SOB A PERSPECTIVA
INTERACIONISTA: reflexões a partir da história de vida de uma brasileira
migrante na Europa**

LUISE BITTENCOURT PERES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

FERNANDA TARABAL LOPES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

A CONSTRUÇÃO DA CARREIRA MIGRANTE SOB A PERSPECTIVA INTERACIONISTA: reflexões a partir da história de vida de uma brasileira migrante na Europa

INTRODUÇÃO

A carreira pode ser definida de diversas maneiras e possui diversos significados. Mesmo entre seus pesquisadores e estudiosos parece haver pouco consenso sobre o que engloba o campo de estudos deste conceito (HALL, 2002; GUNZ, 2023). A carreira pode ser definida estritamente relacionada a experiências profissionais, como "a sequência evolutiva das experiências de trabalho de uma pessoa ao longo do tempo" (ARTHUR et al., 1989, p. 8) ou de uma forma mais ampla como "a combinação e a sequência de papéis desempenhados por uma pessoa ao longo da vida" (SUPER, 1980, p. 282).

Contudo, o conceito de carreira não se restringe ao campo dos estudos específicos sobre o tema. Trata-se de uma noção amplamente aplicada nas ciências sociais, sendo raro encontrar áreas em que as trajetórias profissionais não estejam presentes como objeto de análise ou referência (GUNZ, 2023).

A partir da perspectiva sociológica, o conceito de carreira interacionista revela-se como uma ferramenta analítica para compreender as interações entre sujeitos e estruturas sociais. Ao ultrapassar definições restritas e normativas, a carreira passa a ser concebida como um processo multidimensional, marcado por papéis sociais, transições de status, dilemas e pontos de virada que marcam a trajetória dos indivíduos ao longo do tempo (HUGHES, 1958).

Desta forma, amplia-se o escopo analítico do conceito de carreira e propõe seu uso como ferramenta teórica para compreender transformações identitárias e sociais mais amplas, como por exemplo, trajetórias migratórias. As trajetórias migratórias impõem rupturas que frequentemente resultam em descontinuidades e recomeços, os *turning points*. As mulheres, por exemplo, vivenciam uma maior vulnerabilidade durante as migrações (DI MARTINO, 2023), ainda que tenham construído uma carreira consolidada no seu país de origem, suas trajetórias passam a ser reconstruídas em novos contextos (YAZDANKHOO et al. 2025).

Por mais que as migrações femininas tenham ganhado força (ASSIS; SIQUEIRA, 2021), as mulheres vivenciam uma maior precariedade sustentada por condições estruturais e econômicas (GARZA, 2024). Embora existam pesquisas sobre transições de carreira, pouco se sabe sobre os desafios e processos de mudança de carreira involuntária (BRAZIER et al., 2024), sobre como as migrantes dão sentido as suas trajetórias e resultados de carreira e o papel dos fatores contextuais nesse processo (PALIC, NARDON, 2023).

Assim, esta pesquisa teve como objetivo **analisar a história de vida de uma brasileira migrante sob a perspectiva interacionista de carreira, explorando como a carreira objetiva e subjetiva se destacam a partir de conflitos e dilemas, bem como rupturas e descontinuidades durante a sua trajetória migratória.**

A articulação entre tempo, espaço e atributos individuais, proposto por Gunz (2023), contribui para essa leitura ampliada e oferece uma base sólida para investigar como as trajetórias se desenvolvem em relação a (i)mobilidades, revelando desigualdades e transformações sociais em curso. Ao adotar esse olhar, compreende-se a carreira não apenas como um caminho individual, mas como um fenômeno relacional, coletivo e historicamente situado.

Isto posto, consideramos propício o uso da história de vida para contribuir com essa questão e ampliar a compreensão sobre as decisões de carreiras das migrantes atravessadas por tensões entre suas trajetórias passadas, as possibilidades presentes e as

projeções de futuro (PALIC; NARDON, 2023), compreendendo que qualquer relato de carreira deve incluir o tempo (GUNZ, 2023).

Embora várias pesquisas já tenham sido conduzidas sobre o desenvolvimento da carreira de migrantes, muitos destes estudos desconsideraram os desafios distintos enfrentados por mulheres nesta trajetória explorando as experiências de homens e mulheres coletivamente, ao invés de se concentrarem unicamente nas histórias femininas (YAZDANKHOO *et al.* 2025). É fundamental que as pesquisas sobre carreira se envolvam com as narrativas, a abordagem de pesquisa qualitativa, narrativa e interseccional pode preencher lacunas e oferecer resultados relevantes sobre o desenvolvimento da carreira de mulheres migrantes (GUNZ, 2023).

Ademais, justifica-se a escolha de uma brasileira migrante visto que o Brasil, reconhecido historicamente como um importante destino de imigrantes, passou a desempenhar predominantemente o papel de nação de origem, com um número crescente de brasileiros migrando, sobretudo, para os Estados Unidos, países europeus e o Japão (KLAGSBRUNN, 2008; PRADO; COELHO, 2015; AMARAL, COSTA, ALLGAYER, 2017). O aumento da presença feminina nos fluxos migratórios atuais levanta questões cruciais para a compreensão dos contextos de acolhimento e dos mecanismos de inserção social. As experiências dessas mulheres são definidas por marcadores, como gênero e origem, carregando consigo marcas herdadas das estruturas históricas da colonialidade, especialmente aquelas provenientes do Sul Global, como é o caso de brasileiras e outras latino-americanas (ASSIS; SIQUEIRA, 2022).

2 CARREIRA: O OLHAR SOCIOLÓGICO E INTERACIONISTA

O olhar sociológico refletido sobre a carreira surgiu na Escola de Chicago através de uma perspectiva interacionista que entende que os significados são construídos a partir das interações sociais e, por meio de processos interpretativos, são continuamente formados e reformulados. Essa abordagem reconhece a existência de múltiplas interpretações, as quais variam conforme o ponto de vista adotado, bem como em função dos contextos espaciais e temporais em que se inserem (ABBOTT, 1997). Entretanto, foi nas contribuições de Everett C. Hughes, sociólogo vinculado à Universidade de Chicago, que o conceito de carreira passou a ser reconhecido formalmente como uma ferramenta analítica relevante para a compreensão da organização social (BARLEY, 1989).

Na visão sociológica de acordo com Hughes (1937, p. 404), carreira é “a sequência de papéis, *status* e cargos vividos pelo indivíduo”. Neste pensamento, a carreira não se esgota em uma série de realizações empresariais e profissionais, há outros pontos em que a vida interage com o contexto social (HUGHES, 1937). Objetivamente, a carreira é constituída por uma série de *status* e cargos claramente definidos, subjetivamente, a carreira pode ser compreendida como o ponto de vista em constante transformação a partir do qual o indivíduo observa sua trajetória de vida de forma integrada, atribuindo sentido a suas características pessoais, comportamentos e aos eventos que vivencia (HUGHES, 1958). Por um lado, as carreiras referem-se às formas institucionais de engajamento próprias de determinados contextos sociais, e por outro, é o significado que cada indivíduo concede às suas trajetórias.

Assim, a utilidade sociológica da carreira não é considerada limitada à descrição de uma sequência de papéis desempenhados dentro dos limites de uma organização formal (BARLEY, 1989), pois ela pode ser impactada por conflitos e dilemas que faz com que o indivíduo se depare entre uma contradição entre os aspectos objetivos e subjetivos. O dilema é compreendido como a tensão entre os elementos objetivos da vida e do

trabalho, exigindo constantes processos de negociação, conforme as possibilidades oferecidas pela sociedade na qual o indivíduo está inserido, enquanto o conflito ocorre quando os elementos objetivos e subjetivos entram em contradição, levando o indivíduo a uma decisão sobre qual caminho entre estes dois seguir (HUGHES, 1937; 1958).

Considerando o status como uma posição social definida, costuma-se formar um conjunto de características complementares para além de seus atributos essenciais que são socialmente esperadas daqueles que o ocupam (HUGHES, 1958). Ao estruturar as carreiras com base em conceitos como status, transições, papéis e identidades, desloca-se o foco analítico do sujeito enquanto entidade psicológica para sua condição de agente social inserido em dinâmicas coletivas (BARLEY, 1989).

No entanto, a transição de um status para outro pode ocorrer de forma inconsciente (HUGHES, 1955) e imprevisíveis, quando por exemplo, a trajetória é impactada por um ponto de virada (HUGHES, 1958). A transição de status é entendida como uma mudança de papel, implica transformações na maneira como o indivíduo se apresenta socialmente, na forma como é percebido e tratado pelos demais e, frequentemente, nas pessoas com quem interage (BARLEY, 1989).

A partir do conceito de transição de status, para Hughes as carreiras se desenvolvem em estágios, sem afirmá-los que são temporalmente fixos, enfatizando a dualidade das carreiras (BARLEY, 1989). Desta forma, podemos inferir que a carreira de alguém não se esgota quando algum evento sério ocorre, mas sim aquela fase específica daquele determinado tempo e contexto, o que dará espaço para novas trajetórias de carreiras e de vida. Essa compreensão sobre as carreiras, levando em consideração o curso de vida, permite a aproximação e o uso do *turning point* como recurso para analisar as transições de status (HUGHES, 1958b).

Por mais que Hughes (1958) já tivesse introduzido os pontos de virada, o conceito de *turning point* parece ter ganhado relevância a partir a partir da perspectiva do curso de vida para explorar processos de mudanças (TURCAN, 2013). Pode ser um evento ou uma experiência particular que resulta em mudanças na trajetória de um indivíduo (TERUYA; HSER, 2010) ou até mesmo em (des)continuidades ao longo de suas vidas (HAREVEN; MASAOKA, 1998). A mutualidade dos pontos de virada relacionada ao tempo, reflete um desvio ou interrupção na trajetória que um indivíduo vivenciou ou esperava vivenciar no futuro (BERNARDI; HUININK; SETTERSTEN, 2019). Desta forma, eles são relacionados ao tempo vivido e ao curso de vida, pois mudam a direção de um caminho alterando as oportunidades e experiências.

Portanto, analisar a carreira sob essa ótica interacionista amplia a compreensão das experiências de vida para além do sucesso profissional ou da mobilidade ascendente, incorporando rupturas, dilemas e descontinuidades como elementos centrais. Nesse contexto, a incorporação da migração como elemento analítico amplia ainda mais o escopo da discussão sobre carreira, como pode-se verificar no próximo capítulo sobre a trajetória de carreira nas migrações.

3 A TRAJETÓRIA DE CARREIRA NAS MIGRAÇÕES

Os processos migratórios são marcados por uma ampla diversidade de experiências e condições, enquanto alguns indivíduos migram por solicitação de seus empregadores, outros realizam essa movimentação de forma autônoma. Em certos casos, a decisão de migrar é voluntária; em outros, imposta por circunstâncias externas. Como resultado, as carreiras estão se tornando cada vez mais desconectadas das organizações e

sensíveis a fatores contextuais (SZKUDLAREK *et al.*, 2021; PALIC; NARDON; HARI 2023).

Vários são os desafios que impactam o desenvolvimento profissional de migrantes após sua chegada ao novo país. Entre eles, destacam-se a falta de familiaridade com as dinâmicas dos mercados de trabalho e recrutamento locais, bem como o não reconhecimento formal de suas qualificações obtidas no exterior (ABKHEZR, MARY-MCMAHON, 2022). Diversos grupos, como indivíduos com histórico de refúgio, migrantes por razões humanitárias ou aqueles classificados como migrantes qualificados, conforme os critérios dos sistemas migratórios dos países do Norte Global, especialmente aqueles oriundos do Sul Global, enfrentam obstáculos significativos em suas trajetórias profissionais (ABKHEZR, MARY-MCMAHON, 2022).

Tal dinâmica pode ser compreendida pela interação entre elementos que atuam como barreiras ou facilitadores em distintas esferas da vida, sendo orientada pelo esforço de construir uma carreira migratória equilibrada, que promova a compatibilidade entre inserção profissional e formação educacional (DI MARTINO, 2023). Migrantes enfrentam processos de aprisionamento e racialização que vão além de sua condição migratória, sendo marcados por uma racialização econômica interseccional associada a ocupações precárias, de baixa remuneração e socialmente desvalorizadas. Tais posições laborais não apenas reforçam estigmas, mas também limitam as possibilidades de mobilidade social desses indivíduos (GARZA, 2024).

Para as mulheres, mesmo com uma carreira consolidada no país de origem, suas trajetórias são construídas em meio a diferentes culturas e contextos sociais e influenciadas por múltiplas dinâmicas sistêmicas que afetam diretamente seu desenvolvimento de carreira (YAZDANKHOO *et al.* 2025). Mesmo havendo diferenças entre as barreiras institucionais e culturais enfrentadas por mulheres brancas qualificadas e mulheres racializadas e, embora, certos privilégios tenham oferecido alguma proteção contra os desafios de ser mulher migrante, tais vantagens não foram suficientes para eliminar completamente os efeitos negativos desse status e marcador social (ELITOK; NAWYN, 2023).

Neste contexto, no tópico a seguir observa-se como essas dinâmicas se manifestam nas experiências de mulheres brasileiras que migraram para a Europa. Atravessando fronteiras geográficas, culturais e simbólicas, essas mulheres enfrentam desafios particulares relacionados ao reconhecimento profissional, à racialização e às expectativas de gênero. Suas trajetórias revelam como fatores históricos, sociais e institucionais moldam as formas de inserção, adaptação e reconstrução de identidades no contexto migratório europeu.

3.1 A migração de brasileiras para Europa

Nos últimos dois séculos, os fluxos migratórios entre a América do Sul e a Europa contribuíram para a constituição de um espaço transnacional que interliga ambas as regiões. Durante os séculos XIX e XX, milhões de europeus estabeleceram-se em países sul-americanos. Contudo, nas últimas décadas, observa-se uma inversão expressiva desse movimento, com um número crescente de sul-americanos migrando em direção à Europa (DAMILAKOU; PAPADOUPOS, 2022).

Na Europa, segundo dados do Ministério das Relações Exteriores do último levantamento sobre brasileiros no exterior, em 2023 os cinco países que mais receberam brasileiros foram: Portugal, Reino Unido, Alemanha, Espanha e Itália (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2024). Nesse contexto, Portugal passou a se destacar

como um dos principais destinos da migração brasileira, influenciado por fatores como a afinidade linguística. Da mesma forma, Espanha e Itália também exercem papel relevante nesse processo, tanto pela presença de descendentes de imigrantes europeus que chegaram ao Brasil entre o final do século XIX e início do século XX, quanto pela similaridade linguística com o português um elemento que frequentemente influencia a escolha do país de destino (BRASILIO JR., 2022).

Contudo, somente a partir dos anos 2000 percebeu-se um aumento significativo da presença de mulheres compondo esses movimentos migratórios, diferentemente de anos anteriores (ASSIS; SIQUEIRA, 2021). A migração feminina na Europa, concentra-se predominantemente no trabalho doméstico e nas atividades de cuidado (DÍAZ; BUJÁN; BUJÁN 2018), visto que existe um sistema de vulnerabilidades que afeta simultaneamente as trajetórias geográficas e as (i)mobilidades ocupacionais das migrantes (DI MARTINO, 2023). Essa precariedade percebida nas migrações femininas é sustentada por condições estruturais econômicas (GARZA, 2024) e intensificada por marcadores sociais que estão interligados às trajetórias migrantes.

O modelo de capitalismo econômico neoliberal, aliado às relações de poder de matriz colonial — históricas e ainda vigentes —, sustenta e reforça hierarquias globais que posicionam os migrantes do Sul Global em situações de desigualdade estrutural (SHARMA, 2020). Ao evidenciar o papel da colonialidade na construção e perpetuação do trabalho doméstico como uma atividade manual desvalorizada, marcada por marcadores de gênero e raça, as estruturas coloniais e pós-coloniais de desigualdade continuam operando na exploração racializada do trabalho (GARZA, 2024).

Ao se inserirem em fluxos migratórios internacionais, especialmente aquelas oriundas do Sul Global, como as brasileiras e demais latino-americanas, as mulheres carregam em seus corpos os estigmas históricos da colonialidade. Suas identidades são frequentemente atravessadas por representações exotificadas, que lhes atribuem uma sexualidade naturalizada, expressa em aspectos cotidianos como a fala, os gestos ou o sorriso. Tal construção simbólica contribui para uma hipersexualização (ASSIS; SIQUEIRA, 2022).

Consequentemente, algumas estratégias são utilizadas para a adaptação no novo país, como por exemplo, mudanças de status migratório a partir do ingresso no ensino superior ou no status civil. Primeiro, o ingresso no ensino superior, tanto em cursos de licenciatura quanto em programas de pós-graduação, tem se consolidado, em determinados contextos, como uma estratégia migratória voltada ao mercado de trabalho. O visto de estudante, nesse sentido, funciona como um mecanismo facilitador da entrada e permanência legal no país de destino, permitindo que imigrantes brasileiras utilizem a formação acadêmica como meio de adaptação e inserção socioeconômica (FERNANDES; PEIXOTO; OLTRAMARI, 2021).

Já em relação ao status civil, os relacionamentos entre brasileiras e europeus tendem a evoluir gradualmente rumo à conjugalidade, frequentemente por meio de arranjos diversos que nem sempre resultam, de forma imediata, na formalização do matrimônio. Contudo, em muitos casos, esses vínculos acabam sendo oficializados por meio do casamento, motivados, sobretudo, por aspectos práticos relacionados à regulamentação da mobilidade, residência e acesso à cidadania (SACRAMENTO, 2025).

A migração de mulheres brasileiras para a Europa revela-se como um fenômeno complexo, atravessado por múltiplas camadas de desigualdade e negociações identitárias. Ainda que muitas dessas mulheres possuam níveis educacionais elevados ou experiências profissionais consolidadas em seu país de origem, suas trajetórias no novo contexto europeu são frequentemente marcadas por mudanças de status, subutilização de qualificações e barreiras interseccionais que combinam gênero, raça, origem, dentre

outros marcadores sociais. Isto posto, o seguinte capítulo apresenta a metodologia de história de vida utilizada nesta pesquisa.

4 A PESQUISA EM HISTÓRIA DE VIDA E A HISTÓRIA DA ADRIANA

A história de vida é compreendida como uma abordagem biográfica (DENZIN, 1989), de natureza interdisciplinar que tem como objetivo coletar informações sobre vivências únicas e singulares desempenhadas sobre vários papéis na sociedade (ATKINSON, 2001). Este método abrange várias possibilidades de técnica de coleta e análise (DENZIN, 1984), uma delas é a narrativa (RIESSMAN, 2005). Assim, é possível realizar a retrospectiva da história e experiência de um indivíduo (BRINKMANN, 2011).

As narrativas são apresentadas como base de transformação pessoal e social, visto que através do testemunho e das interpretações a história pode ser reconstruída. Portanto, a história de vida a partir da narrativa é um objeto de estudo multidisciplinar, visto que qualquer objeto a ser estudado que adote a perspectiva de trajetórias, contextos, interações e significados considera a consciência subjetiva do participante da pesquisa (SUAREZ-ORTEGA, 2012).

A história de vida como método nos estudos sobre carreira e migração destina-se a orientar a exploração das experiências subjetivas em vários momentos da trajetória migrante (BJARNESEN, 2009), bem como demonstra a existência de marcos na trajetória de carreira (CLOSS, ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2015). Baseada nas abordagens existentes da antropologia e outras disciplinas relacionadas, está em sincronia com estudos sobre migração e biografia de migrantes, concentrando-se em traçar posições passadas e presentes na vida destes indivíduos (BJARNESEN, 2009), relacionando-se ao entendimento da carreira migrante e como ela pode ser articulada nesses movimentos.

Nesta pesquisa apresentamos a história de vida da Adriana, uma brasileira de 30 anos, formada em Direito pela Universidade Federal de Pelotas que desde 2017 vivencia fluxos migratórios impulsionados por várias razões, como por exemplo, qualificação profissional e matrimônio.

Comeceiⁱ a entrevistar a Adriana no ano de 2020 e durante esses encontros ela me falou sobre sua vida em geral com destaque a sua saída do Brasil e demais desdobramentos. Nos encontros iniciais eu pedi a Adriana que ela discorresse livremente sobre sua trajetória, destacando algumas experiências de impacto na sua vida. Nesse momento não realizei nenhuma intervenção (DELORYMOMBERGER, 2012), somente acompanhei as reflexões que ela mesma fazia enquanto tomava consciência das condições que limitavam sua liberdade e de novas perspectivas que poderiam auxiliá-las a assumir novas trajetórias (CLOSS, ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2015).

Inicialmente as entrevistas foram conduzidas de forma remota, por meio de um aplicativo de mensagens que disponibilizava recurso de videochamada, considerando a distância geográfica entre mim e a Adriana, bem como as restrições de mobilidade impostas pela pandemia de Covid-19. Neste momento, a tecnológica se mostrou fundamental para viabilizar os encontros à distância, sobretudo em um contexto em que as medidas sanitárias e as restrições de deslocamento inviabilizavam o trabalho de campo presencial. As conversas eram conduzidas de forma aberta, sem um roteiro rígido, o que possibilitou que Adriana compartilhasse suas experiências com liberdade, trazendo à tona memórias, sentimentos e interpretações sobre sua jornada migratória.

A partir de 2023, com a flexibilização das restrições e o retorno gradual das viagens internacionais, tornou-se possível realizar encontros presenciais durante as visitas de Adriana ao Brasil. Então, além dos contatos virtuais, geralmente realizados uma vez ao ano, com o objetivo de atualizar as informações sobre sua trajetória de vida, também foi possível realizar encontros presenciais durante suas visitas ao Brasil. Como a sua mãe residia na mesma cidade eu, as condições de mobilidade passaram a ser mais favoráveis, o que facilitou a realização de entrevistas presenciais e o aprofundamento da pesquisa.

A cada nova conversa a narrativa da sua história ia sendo construída e atualizada e a escolha por acompanhar uma única trajetória de maneira longitudinal e sensível não apenas ampliou o entendimento sobre os múltiplos sentidos da migração para Adriana, mas também evidenciou as negociações, os pontos de virada e continuidades que marcam sua experiência de gênero, carreira e migração. Nesta pesquisa, a história de vida possibilitou compreender o meio na qual a Adriana está inserida e a maneira que ela negocia suas condições e seu espaço social, “que constrói o seu mundo e é simultaneamente por ele construído” (BARROS; LOPES, 2014).

A metodologia adotada privilegiou o cuidado ético com a história compartilhada, reconhecendo que cada narrativa carrega marcas profundas de afetos, pertencimentos e resistências. Na visão de Bosi (2003) a entrevista ideal é aquela que permite a criação de laços de amizade, transformando-a em uma relação não efêmera. Esses momentos podem gerar vínculos e é importante que os gere. Na história de vida, tanto a pesquisadora quanto a entrevistada saem transformadas pela convivência. A minha relação com a Adriana nesta pesquisa é marcada por um vínculo preexistente, que remonta à infância. Adriana e eu crescemos na mesma cidade e compartilhamos, ainda que em contextos distintos, parte de nossas experiências formativas.

Essa familiaridade anterior à pesquisa não apenas facilitou o estabelecimento de um ambiente de confiança e abertura, mas também conferiu maior densidade à escuta e à interpretação de sua narrativa. A história foi construída em conjunto, visto que ao longo dos encontros íamos lendo e adequando juntas como ela seria apresentada. Esse reconhecimento mútuo foi fundamental para que as conversas fluíssem com espontaneidade, permitindo que aspectos íntimos e subjetivos de sua trajetória fossem compartilhados com maior profundidade. A exposição e a interpretação da trajetória de Adriana são conduzidas no seguinte capítulo com o propósito de aprofundar a compreensão sobre como a carreira objetiva e subjetiva se destacam a partir de conflitos, dilemas, rupturas e descontinuidades na trajetória migratória, contribuindo assim para o conceito de carreira migrante.

5 A TRAJETÓRIA DE VIDA E CARREIRA DA ADRIANA: ENTRE FRONTEIRAS E BARREIRAS

Adriana, inspirada desde a infância pelo espírito aventureiro da mãe, desenvolveu uma personalidade resiliente e aberta a mudanças. Motivada por experiências pessoais e o desejo de autodescoberta, vivencia uma trajetória migratória que passou pela Costa Rica, Irlanda, Portugal e Dinamarca, enfrentando desafios como preconceito, barreiras burocráticas e instabilidade profissional. Ao longo dessa jornada, conciliou estudos, trabalho e vivências culturais. Com a defesa do mestrado e experiências relevantes, incluindo um estágio e contrato na ONU, Adriana segue construindo uma carreira internacional marcada por pontos de viradas, recomeços e transições.

5.1 Motivadores de carreira e decisão: a construção da carreira subjetiva

A Adriana foi criada em uma família que valorizava experiências mais do que posses, teve na mãe sua principal inspiração para a vida em movimento. A mãe, mulher versátil e entusiasta por viagens, fazia questão de aproveitar todos os feriados e férias com passeios em família, instigando desde cedo a curiosidade da filha pelo mundo.

Ainda pequena, Adriana vivenciou sua primeira grande mudança: aos cinco anos, mudou-se com a mãe para Gramado, enquanto ela cursava o mestrado em Porto Alegre. Essas experiências moldaram sua facilidade de adaptação e a percepção positiva sobre transformações. “A forma leve como minha mãe lidava com as mudanças me ensinou a não ter medo do novo” (Adriana em entrevista concedida à primeira Autora, mar. 2020).

Já durante a faculdade, começou a conviver com colegas que já haviam feito intercâmbio, o que despertou nela o desejo de viver experiências internacionais. Até então, vinda de uma cidade pequena, achava impossível estudar fora do país. Mas, inspirada pelo histórico de voluntariado da mãe, decidiu buscar uma alternativa acessível. Essa primeira saída do Brasil da Adriana, foi seu primeiro fluxo migratório e um impulsionador para os demais que ocorreram nos anos seguintes.

Destaca-se nesse momento o início da construção da carreira subjetiva (HUGHES, 1958) na sua trajetória. Ao mesmo tempo em que surgiram dificuldades na sua primeira trajetória migratória, houve também um choque cultural e comportamental que provocou uma reflexão interna sobre seu futuro e suas aspirações. “Percebi que minha vida até então girava em torno de status e consumo. Eu queria outra coisa para mim” (Adriana em entrevista concedida à primeira Autora, mar. 2020).

Neste momento é destacada a importância da percepção que a própria Adriana teve da sua trajetória, dando sentido a sua carreira subjetiva que é considerada como um ponto de vista em constante transformação (HUGHES, 1958). Considera-se essa mudança essencial para os próximos fluxos migratórios vivenciados, visto que eles reconsideraram novos caminhos e comportamentos. Assim, a construção da carreira subjetiva na trajetória migrante pode servir como impulso, motivação e decisão para novos caminhos e novas compreensões sobre as trajetórias de carreira migrante.

5.2 Transições e reconfigurações de status: *turning points* em evidência na carreira migrante

A trajetória da Adriana foi marcada por alguns pontos de virada que se consideram importantes para a análise da carreira migrante. São eles: subempregos como ponto de partida: os cafés como ponto central e competências em trânsito: a transformação profissional.

Subempregos como ponto de partida: os cafés como ponto central

O segundo fluxo migratório vivenciado pela Adriana foi para a Irlanda e sua mãe decidiu acompanhá-la, já que também queria viver uma experiência internacional. Dez dias após sua formatura na faculdade em 2019, embarcaram para Dublin para um curso de inglês que duraria alguns meses. Com o tempo, sua mãe percebeu que a experiência não estava sendo como imaginava e decidiu voltar ao Brasil. Ela, por outro lado, permaneceu. Inicialmente sustentou-se com suas economias, mas quando o dinheiro começou a acabar, teve que buscar emprego.

O seu primeiro trabalho foi lavando louça, uma experiência exaustiva que a fez questionar suas escolhas:

Foi o momento que eu me perguntei o que é que estou fazendo aqui, acabei de me formar, tinha chance de começar a trabalhar, antes já tinha trabalhado em três

escritórios então eu teria chance de ter começado a trabalhar no Brasil (Adriana em entrevista concedida à primeira Autora, 2020).

Adriana, jovem, recém-formada em direito e advogada ao migrar precisou aceitar vagas de subempregos e de baixa qualificação profissional, assim como outras pesquisas já demonstraram a dificuldade em equilibrar a inserção profissional e a formação educacional na trajetória migrante (DI MARTINO, 2023; YAZDANKHOO *et al.* 2025). Revela-se assim um dos primeiros *turning points* da sua trajetória.

Esse é um momento importante para a construção da carreira migrante, porque ele revela como ela não é linear e impõe quebras de paradigmas e mudanças de status ao longo do caminho. Ao considerar o status como uma posição social definida, costuma-se associar a ele um conjunto de características complementares que são socialmente atribuídas e esperadas dos indivíduos que o ocupam (HUGHES, 1958) e quando isso não acontece, há a transição de papel social, envolvendo alterações na forma de como a migrante se posiciona socialmente, na maneira como é vista e tratada pelos outros (BARLEY, 1989). As transições de status marcam continuamente a trajetória de Adriana e revelam os *turning points* vivenciados na construção da carreira migrante.

Na Irlanda, ela ocupava a posição de estudante de inglês; já em Portugal, durante seu terceiro movimento migratório em 2019, tornou-se mestranda na Universidade de Lisboa. Em 2021, ao se mudar para a Dinamarca, já detinha uma qualificação acadêmica mais elevada. No entanto, apesar dessas mudanças, um elemento permaneceu constante ao longo desses deslocamentos: sua inserção no setor de serviços, especialmente em cafés.

Essa permanência evidencia os limites estruturais impostos às mulheres migrantes. Suas formações e competências, embora formalmente reconhecidas, não se convertem, necessariamente, em ascensão profissional, apontando para a desvalorização de seus capitais no mercado de trabalho europeu e para as hierarquias implícitas nos regimes migratórios e laborais vigentes.

Competências em Trânsito: A Transformação Profissional

Durante a fase final da redação da tese de mestrado, já na Dinamarca, ela vivenciou um período de grandes desafios e mudanças. Inicialmente, atuava como garçoneiro em um brunch frequentado por estudantes. Com o tempo, assumiu mais responsabilidades e foi promovida à função de *waiter responsible*, cargo em que era responsável por supervisionar a operação nos fins de semana, abrir o café, verificar o funcionamento dos equipamentos, coordenar a equipe e lidar com imprevistos.

Em um dia de folga, ao visitar um outro café que frequentava como cliente, conheceu o proprietário, que lhe ofereceu uma oportunidade para assumir a gerência do local. Após algumas conversas, aceitou a proposta, com um salário considerável em padrões locais. A posição como gerente envolvia liderar uma equipe de sete baristas, organizar escalas, adaptar horários às rotinas acadêmicas dos funcionários e implementar melhorias operacionais. Ela chegou a reestruturar o menu, criou manuais de abertura e fechamento, e introduziu processos estratégicos que melhoraram significativamente o funcionamento do local.

A trajetória profissional de Adriana exemplifica como a migração pode desencadear processos significativos de aprendizagem e adaptação, resultando na aquisição de novas competências gerenciais que antes não faziam parte de sua experiência, resultando em uma renegociação dos seus capitais já existentes

(EGGENHOFER-REHART *et al.*, 2018). Ao assumir gradualmente posições de maior responsabilidade nos cafés onde trabalhou ela desenvolveu habilidades em liderança de equipe, gestão operacional, planejamento estratégico e resolução de problemas em tempo real.

O conceito de transição de status permite demonstrar que a carreira migrante da Adriana se desenvolve em estágios que não são rigidamente definidos no tempo, mas sim fases marcadas por mudanças de posição social e transformações nos papéis assumidos por ela durante a sua trajetória. Com o passar dos anos ela conseguiu progredir dentro dos espaços dos cafés, o que já garantia uma maior autonomia e salário, porém ainda procurava empregos que tivessem relação com sua qualificação. Isso não significa que ela considerava o trabalho em cafés desvalorizado ou menos digno. Pelo contrário, atender pessoas nunca foi um problema para ela e, inclusive, recebia muitos elogios por sua simpatia, mas deixa explícito que é uma etapa única daquele determinado tempo e contexto (BARLEY, 1989).

Assim, tem-se que essa mudança vivenciada por Adriana modificou sua carreira objetiva, pois claramente alterou seu status dentro da dinâmica do trabalho migrante, auxiliou o desenvolvimento da carreira subjetiva, visto que ficou evidente que ela pode atribuir sentido ao seu trabalho e transformá-los em novas competências, bem como, em geral, compõe a carreira migrante visto que este momento, por mais que não esteja relacionado à ascensão profissional na sua área de qualificação, faz parte do contexto vivido da migração e dará espaço para novas trajetórias de carreira e de vida (HUGHES, 1958).

Essa transformação evidencia uma transição de status que não apenas alterou sua posição social dentro do contexto laboral, mas também ampliou seu repertório profissional em direções inesperadas. Foi necessário desenvolver estratégias de adaptação ocupacional para a sua adaptação no mercado de trabalho local (DI MARTINO, 2023).

Ainda que seu objetivo inicial estivesse mais alinhado com sua formação acadêmica, o caminho trilhado no setor de serviços lhe proporcionou formas concretas de reconhecimento, autonomia e remuneração, ao mesmo tempo em que revelou as tensões entre suas aspirações profissionais e as oportunidades efetivamente disponíveis para mulheres migrantes no contexto europeu.

5.3 ‘Eu queria me encontrar e acabei encontrando o amor junto de presente’: reflexões sobre dilemas e conflitos na carreira migrante

Em 2019 iniciando seu mestrado em Lisboa, conheceu Oscar, um dinamarquês que frequentava o café em que ela trabalhava diariamente. Rapidamente, construíram um relacionamento, e quando a pandemia começou, decidiram morar juntos. Com as restrições impostas, ela viu sua rotina mudar drasticamente.

Ao final das aulas do mestrado, conseguiu um emprego na área, trabalhando em um centro de investimentos. A oportunidade surgiu por intermédio do namorado de sua mãe, que havia conhecido durante uma visita a Portugal.

No novo emprego no fundo de investimentos, começou a se interessar pelo trabalho e tinha uma vida confortável. No entanto, cerca de seis meses após o início da pandemia, foi demitida. A empresa, sediada em Londres, havia aberto uma filial em Portugal há um ano, mas decidiu encerrá-la. Naquele momento, já havia concluído as aulas do mestrado e se viu sem perspectivas no país. Além disso, Oscar havia retornado à Dinamarca.

Diante desse cenário, percebeu que teria que voltar ao Brasil enquanto finalizava sua dissertação e foi o que aconteceu com várias migrantes neste período, a pandemia intensificou as migrações de retorno aos países de origem (KARIM, 2020; CASTRO, 2020; PERES, *et al.* 2021). A decisão foi difícil, pois estava apaixonada e sabia que encontrar um emprego na área, em plena pandemia, seria um grande desafio. A alternativa mais provável seria retornar ao trabalho em cafés como garçomete, algo que já não fazia sentido, pois acreditava ter passado por experiências e desafios suficientes para seu crescimento pessoal.

Com Oscar retornando à Dinamarca, ela enfrentou o dilema mais difícil de sua trajetória. Voltar para o Brasil ou recomeçar mais uma vez? Incentivada por ele e pela família dele, decidiu tentar a vida na Dinamarca. No entanto, a mudança implicava abandonar sua profissão como advogada, algo que levou tempo para aceitar:

Eu acho que todas as mudanças essa foi a mais difícil porque não era só fechar uma mala e ir, eu ouvia muita coisa, casar sempre foi algo grande para mim e eu acho que tem muitas meninas que querem, que vem porque querem encontrar o amor e eu vim porque eu queria me encontrar e acabei encontrando o amor junto de presente, mas não era meu objetivo eu vim pensando em voltar, eu tinha a sensação que eu não iria, mas eu queria porque migrar para a Dinamarca e casar implicava muitas coisas e uma das coisas era abandonar o direito, não ser advogada, não tem como eu ser advogada aqui e mesmo que não fosse meu sonho eu fiquei muito tempo pensando que eu seria, então foi um processo e eu vim de coração aberto, com minha malinha de novo (...) (Adriana em entrevista concedida à primeira Autora, 2023).

As mulheres migrantes vivenciam transições significativas durante as suas trajetórias, navegando por incertezas pós e durante a migração (YAZDANKHOO *et al.* 2025). Mesmo já tendo vivenciado outros movimentos, Adriana demonstra que a cada nova decisão é um novo passo com resultados distintos. A cada migração, um novo *turning point* surge, visto que é um novo recomeço, outro país e novas dinâmicas de integração.

Antes de partir para a Dinamarca, ela fez uma última viagem ao Brasil para comunicar a decisão à família. A mãe a apoiou, mas era evidente que essa mudança seria diferente das anteriores – não era um intercâmbio ou um curso temporário, e sim uma nova vida. A formalização do casamento surge como uma estratégia de mobilidade (SACRAMENTO, 2025). O processo burocrático foi longo, e para oficializar sua residência, o casal teve que passar meses em Portugal antes de finalmente conseguir o visto dinamarquês.

Já na Dinamarca, encontrou desafios ainda maiores. A adaptação à cultura local foi complexa, a barreira da língua dificultava sua inserção no mercado de trabalho, e as oportunidades pareciam escassas:

Eu fiquei 8 meses sem poder fazer nada e nem procurar emprego, porque se me denunciassem que eu estava procurando sem documentos eu poderia ser deportada, então quando eu consegui começar a procurar foi frustrante, porque eu pensava que quando eu tivesse o documento meus problemas seriam resolvidos e não (Adriana em entrevista concedida à primeira Autora, 2023).

A construção de uma carreira na trajetória migratória compõe vários fatores que não somente a questão da qualificação. Migrantes muitas vezes convivem com a falta de conhecimento sobre o mercado local e até mesmo com o não reconhecimento das suas qualificações formais obtidas em outros países (ABKHEZR, MARY-MCMAHON, 2022).

Mesmo qualificada, demorou para conseguir entrevistas e, por fim, decidiu voltar a trabalhar em um café. Apesar de enxergar essa decisão como um passo temporário, lidar com a realidade de renunciar à carreira para acompanhar seu parceiro e a própria vontade de viver novas experiências trouxe reflexões constantes. A entrega da tese, no entanto, enfrentou atrasos burocráticos. Embora tenha concluído o trabalho em novembro de 2023, sua defesa foi marcada apenas um ano depois. Durante esse intervalo, permaneceu no emprego como gerente, auxiliando o café durante a alta temporada de inverno enquanto aguardava a conclusão formal de sua formação.

5.4 Reconhecimento e impacto em uma experiência internacional: a carreira objetiva e a consolidação da carreira migrante

Com a defesa finalmente realizada em 2024, passou a buscar oportunidades na área de políticas públicas e operações de negócios, setor em que havia se especializado. Imediatamente percebeu uma mudança nas respostas, começou a ser chamada para entrevistas, recebeu retornos de e-mails e participou de conversas de networking. Em maio, foi convidada a participar de um processo seletivo para um estágio na Organização das Nações Unidas (ONU). Estudou intensamente para a entrevista, preparando-se com antecedência. Foi selecionada como a melhor candidata e iniciou um estágio de seis meses no setor de compras e logística internacional da ONU, em Copenhague.

Após alguns anos e vários *turning points* vivenciados, a carreira objetiva começa a ser construída. A dimensão objetiva da carreira diz respeito às funções, cargos e posições que um indivíduo ocupa ao longo do tempo, inserido em estruturas sociais legitimadas (HUGHES, 1958), ou seja, nesta história ela se reflete a partir do reconhecimento formal das suas qualificações e competências em uma instituição legítima, com títulos formais e status social conferido à esta ocupação.

Na nova função, trabalhou com processos de aquisição e envio de equipamentos para países em situação de vulnerabilidade, como Haiti, Angola e Madagascar. A complexidade das operações e o impacto das decisões a emocionaram profundamente. Sentiu-se, pela primeira vez, plenamente realizada profissionalmente.

Ao final do estágio, recebeu uma proposta de contrato de consultoria de curto prazo. O contrato era limitado a dois meses, com possibilidade de renovação, e embora não garantisse estabilidade, representava o reconhecimento de seu trabalho. A experiência na ONU foi transformadora. Tornou-se amiga de colegas de equipe, foi convidada para viagens e manteve vínculos duradouros com o departamento.

Ainda assim, ao término do contrato, deparou-se novamente com o desemprego. Apesar de contar agora com oito meses de experiência internacional e uma formação sólida, reconhece que o caminho profissional de uma imigrante permanece repleto de obstáculos. Mas, diferentemente de antes, sente-se mais confiante, seletiva e preparada para buscar oportunidades alinhadas aos seus valores e propósitos. Sabia que queria trabalhar com impacto social, mas também reconhecia a importância da estabilidade financeira e acreditava que era possível unir as duas coisas:

Tenho a esperança e tenho a confiança de que vai ser muito mais rápido, que eu vou poder escolher mais. Hoje, tipo, eu também já não aplico pra qualquer coisa, sabe? Eu vejo uma vaga e eu quero que ela tenha a ver comigo. Antigamente, qualquer coisa que me fizesse ficar sentada no escritório eu estava aplicando. Hoje eu já vejo que eu tenho condições de fazer uma aplicação legal (Adriana em entrevista concedida à primeira Autora, 2023).

Analisar a dimensão objetiva permite compreender a carreira não apenas como uma trajetória profissional formal, mas como um fenômeno social e simbólico, atravessado por interpretações, expectativas e reconhecimentos situados historicamente. Analisar a carreira migrante a partir da dimensão da objetividade permite observar, de forma concreta, como os indivíduos se inserem no mercado de trabalho, ocupam posições sociais e acessam as (i) mobilidades ocupacionais nos contextos de destino.

De modo geral, espera-se que os/as migrantes se adaptem às normas e valores da sociedade de acolhimento. No entanto, à medida que alcançam inserção e reconhecimento no mercado de trabalho, eles poderão não apenas negociar essas convenções, mas também contestá-las, ocupando espaços que lhe permitem reconfigurar as dinâmicas sociais e profissionais do contexto de destino (COHN; BOLOTIN, 2024).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos apresentar e narrar a história de vida da Adriana como um meio para analisar a carreira sob a perspectiva interacionista, explorando como as dimensões objetiva e subjetiva se destacam a partir de conflitos e dilemas, bem como rupturas e descontinuidades durante a trajetória migratória.

A carreira subjetiva se destaca como uma perspectiva em constante evolução (HUGHES, 1958). Na carreira migrante ela revela-se como fundamental para os fluxos migratórios subsequentes, pois orienta a reavaliação de percursos e práticas. Dessa maneira, a construção da carreira subjetiva ao longo da experiência migratória pode atuar como elemento propulsor, influenciando decisões, motivações e novas interpretações acerca das trajetórias profissionais no contexto da migração.

Enquanto a carreira objetiva, que se refere a posições ocupadas pelos indivíduos ao longo do tempo dentro de estruturas reconhecidas formalmente, leva um pouco mais de tempo para ser construída, já que ela é impactada pelos fatores contextuais da migração, como o não reconhecimento das suas qualificações formais, precariedade e vulnerabilidade no mercado de trabalho e obstáculos influenciados por questões de gênero e origem.

Como essa dimensão é marcada por critérios sociais compartilhados, como as normas e expectativas associadas a cada posição, e está diretamente relacionada à forma como a sociedade classifica e valida os percursos profissionais dos indivíduos, ela acaba não tendo força nas trajetórias migratórias, visto que são impactadas diretamente pelo contexto da migração.

Para além da perspectiva individual, a história da Adriana nos permitiu perceber que a carreira migratória compõe a articulação e sucessão de diferentes papéis sociais assumidos por um indivíduo ao longo de sua vida, refletindo tanto escolhas pessoais quanto influenciadas pelo contexto. Comumente ela é impactada por *turning points* que podem fazer o indivíduo tomar decisões com base na sua própria percepção sobre sua trajetória ou procurar seguir outras formas institucionais de carreiras.

Diante desse cenário, a migração de mulheres brasileiras para a Europa revela-se um campo fértil para compreender como desigualdades interseccionais operam no contexto transnacional, desta forma, sugerimos algumas proposições de pesquisas futuras para que possam complementar teoricamente o conceito de carreira migrante, bem como, avançar no entendimento dos *turning points* e das questões metodológicas nos estudos sobre migrações e carreiras:

- a) Analisar o papel dos capitais simbólicos e sociais na inserção laboral de mulheres brasileiras em contextos pós-coloniais;

- b) Verificar como os processos de reconhecimento (ou não reconhecimento) de diplomas e experiências anteriores afetam a reconstrução da carreira de mulheres migrantes brasileiras na Europa;
- c) Analisar o que papel as redes de apoio (familiares, religiosas, profissionais, comunitárias) desempenham na construção das trajetórias profissionais de mulheres brasileiras na Europa?

Ao ampliarem o escopo de análise sobre as carreira e migração, tais proposições buscam não apenas enriquecer o debate acadêmico, mas também informar políticas públicas e estratégias organizacionais que reconheçam as especificidades das trajetórias migratórias e promovam condições mais equitativas nestes contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBOTT, A. **Time Matters: on theory and method**. Chigaco: University of Chicago Press, 2001.
- ABKHEZR, P.; MC-MAHON, M. The intersections of migration, app-based gig work, and career development: implications for career practice and research. **International Journal for Educational and Vocational Guidance**, v. 24, p. 39–57, 2022.
- AMARAL, A. P.; COSTA, L.R.; ALLGAYER, C. B. O brasileiro como estrangeiro: a política migratória brasileira para emigrantes. **Cadernos de Direito**, Piracicaba, v. 17, n. 33, p. 257-285, jul.-dez, 2017.
- ARTHUR, M.B., HALL, D.T. AND LAWRENCE, B.S. **Handbook of Career Theory**, Cambridge University Press, Cambridge, 1989.
- ASSIS, G. O.; SIQUEIRA, S. Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre “a mulher brasileira”. **Cadernos PAGU**, v. 63, 2021.
- ATKINSON, R. The life story interview. In: GRUBRIUM, Jaber F.; HOLSTEIN, James A. **Handbook of interview research: context & methods**. Thousands Oaks, London, New Delhi: Sage, 2002. p.121-140.
- BARROS, V. A.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, Eloísio Moulin (Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Vitória: EDUFES, 2014.
- BASÍLIO JR, L. Migração Qualificada do Brasil para a Europa entre 2011 e 2021: Cenários, Mudanças e Tendências. **In... XXII encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 2022.
- BERNARDI, L.; HUININK, J.; SETTERSTEN, R. The life course cube: A tool for studying lives. **Advances in Life Course Research**, v. 41, 2019.
- BJARNESEN, J. A Mobile Life Story Tracing Hopefulness in the Life and Dreams of a Young Ivorian Migrant. **Migration Letters**. V. 6, n.2. p. 119-129, 2009.
- BOSI, E. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRAZIER, C. E. Chronicles of Involuntary Career Changes: A Qualitative Longitudinal Analysis. **Journal of Career Assessment**. v. 0, n. 0, p.1-22, 2024.
- BRINKMANN, S. Interviewing and the production of the conversational self. In N. K. Denzin & M. D. Giardina (Eds.), **Qualitative inquiry and global crisis**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2011.
- CASTRO, Y. Return and Family in Migration Studies. a Field Review. **Migraciones**, v. 50, n. 2020, p. 147–172, 2020.

CLOSS, L. Q.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. História de Vida e Trajetórias Profissionais: Estudo com Executivos Brasileiros. **RAC**, v. 19, n. 4, p. 525-543, 2015.

COHN, R. T.; BOLOTIN, S. C. I was always told to fit in, but never to excel”: Men’s Post-Migration Practices of Success in the Public Sector. **Journal of International Migration and Integration**, v. 25, p. 1963–1986, 2024.

DAMILAKOU, M.; PAPADOPOULOS, Y. G. S. **Migration and Development in Southern Europe and South America**. Routledge: London, 2022.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523-740, 2012.

DENZIN, N. K. Interpretando a vida de pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner. **Revista de Ciências Sociais**, v. 27, n 1, p. 29-43, 1984.

DENZIN, N. K. **Interpretative Biography**. Newbury. Park, California: Sage, 1989.

DI MARTINO, M. L. Explorando las carreras migratorias de mujeres brasileñas en España: reconceptualización de la adecuación entre formación y Trabajo. **Confluente**. V. XV, N. 2, p. 450-479, 2023.

DÍAZ G.,; BUJÁN, M.; R. BUJÁN. Mujeres migrantes y trabajo de cuidados: transformaciones del sector doméstico en España. **Panorama Social**, v. 27, p. 105-118, 2018.

EGGENHOFER-REHART, P.A. *et al.* Refugees' career capital welcome? Afghan and Syrian refugee job seekers in Austria. **Journal of Vocational Behavior**, v. 105, p. 31–45, 2018.

ELITOK, S. P.; NAWYN, S.J. The re-domestication of high-skilled immigrant women: modifying career ambitions post-migration. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 49, n. 19, p. 4946-4963, 2023.

FERNANDES, D., PEIXOTO, J., & POLETO OLTRAMARI, A. A quarta onda da imigração brasileira em Portugal: uma história breve. **Revista Latinoamericana De Población**, v. 15, n. 29, p. 34–63, 2021.

GARZA, A. P. Performing race, class, and status: identity strategies among Latin American women migrants in London, **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 50, n. 14, p. 3472-3489, 2024.

GOMES, M.; PADILLA, B.; FERNANDES, G.. Ser brasileira em Portugal: inmigración, género y colonialidad . In: MAGLIANO, Maria José; BARRAL, Ana (Org.). **Las mujeres latinoamericanas y sus migraciones**. Villa María: Eduvim, 2017.

GUNZ, H.. Self-initiated expatriation: a career perspective through a social chronology lens. V. 28, n. 4, 2023.

HALL, D. T. **Careers in and out of Organizations**. Sage Academic Books: SAGE Publications, Inc, 2002.

HAREVEN, T. K.; MASAOKA, K. Turning Points and Transitions: Perceptions of the Life Course. **Journal of Family History**, v. 1, 1988.

HUGHES, E. C. Institutional office and the person. **American journal of sociology**, v. 43, n. 3, p. 404-413, 1937.

HUGHES, E. C. **Men and their Work**. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.

KARIM, M.R. et al. COVID-19s impacts on migrant workers from Bangladesh: In Search of policy intervention. **World Development**, v. 136, 2020.

- KLASBLUNN, V. H. Migração Internacional de Brasileiros para os Países Desenvolvidos e os Direitos Humanos. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, n. 31, 2008.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, Secretaria de Comunidades Brasileiras e Assuntos Consulares e Jurídicos. **Comunidades Brasileiras no Exterior – Ano-base 2022**. Agosto de 2023.
- PALIC, D.; NARDON, L.; HARI, A. Transnational sensemaking narratives of highly skilled Canadian immigrants' career change. **Career Development International**. V. 28, n. 4, p. 392-405, 2023.
- PERES, L. *et al.* O impacto da pandemia do Covid-19 na decisão do retorno ao Brasil e nos turning points de carreira dos emigrantes brasileiros. In: XLV EnANPAD. **Anais...** Online: ANPAD, 2021.
- PRADO, E. J. P.; COELHO, R. (org) **Migrações e Trabalho**. Ministério Público do Trabalho: Brasília, 2015.
- RIESSMAN, C. K. Narrative analysis. In N. Kelly, C. Horrocks, K. Milnes, B. Roberts, & D. Robinson (Eds.), **Narrative, memory & everyday life**. Huddersfield: University of Huddersfield, 2005.
- SACRAMENTO, O. From tourists to (im)migrants: intimacy mobility chains between Europe and Brazil. **Mobilities**, v. 20, n. 3, p. 483-500, 2025.
- SHARMA N. The people out of place. In: Horton SB and Heyman J (eds) **Paper Trails**. Durham, NC:Duke University Press, p.31–52, 2020.
- SUÁREZ-ORTEGA, M. Performance, Reflexivity, and Learning Through Biographical-Narrative Research. **Qualitative Inquiry**, V. 19, N.3., 2013.
- SUPER, D. E. A Life-Span, Life-Space Approach to Career Development. **Journal of Vocational Behavior**, v. 16, p. 282-298, 1980.
- SZKUDLAREK, B., *et al.* When context matters: what happens to international business theory when researchers study refugees, **Academy of Management Perspective**, V. 35 N. 3, p. 461-484, 2021.
- TERUYA, C.; HSER, Y.-I. Turning points in the life course: Current findings and future directions in drug use research. **Current Drug Abuse Reviews**, v. 3, n. 3, p. 189-195, 2013.
- TURCAN, R. V. The Philosophy of Turning Points: A Case of De-Internationalization. **Advances. International Management**, v.26, p. 219-235, 2013.
- YAZDANKHOO, S. *et al.* Migrant women navigating the intersection of gender, migration, and career development: A systematic literature review. **Journal of Vocational Behavior**, v.157, 2025.

ⁱ os trechos em primeira pessoa referem-se às experiências da primeira autora.